



As famílias se queixam da ausência de urbanização, luz, água, escolas e hospitais nos assentamentos



A falta de emprego nos assentamentos é um fator para que as famílias escolham o Plano como dormitório

CDS apura que 80% dos invasores têm lotes

Antônio Machado

Oitenta por cento das famílias, que ocupam focos de invasões no Plano Piloto, possuem lotes nos assentamentos, mas devido à falta de infra-estrutura nesses locais preferem ficar em Brasília, morando em barracos. A informação foi prestada, ontem, pela diretora do Centro de Desenvolvimento Social, da 615 Sul, Shirley Rocha.

A Terracap mapeou focos de invasões no Plano Piloto. Alguns locais, como na 913 Sul, fundos do Colégio Objetivo, 912 Norte e até no cemitério, chamam a atenção pelo número de famílias existentes. Segundo Shirley, a Operação Brasília Teimosa tem sido feita, sistematicamente, para acabar com as invasões e promover a retirada dos mendigos.

"Não adianta fazer albergamento emergencial, porque a questão é econômica e de infra-estrutura", ressalva a diretora do CSD. As famílias, de acordo com Shirley, se queixam da falta de

urbanização, luz, água, escolas e hospitais nos assentamentos. A falta de oportunidades de emprego nos assentamentos é outro fator para que essas famílias escolham o Plano Piloto como dormitório. Somente nos finais de semana as pessoas retornam para seus lotes. Shirley lembra que o alto preço das passagens de ônibus contribui para a permanência de pessoas em áreas públicas de Brasília.

Olarias — Depois de duas operações de emergências, realizadas no ano passado, Brasília Teimosa retornou como ação contínua a partir do dia 22 de junho. A operação passou a ser uma ação integrada, com a participação da Shis, Terracap, Delegacia de Costumes e Diversões Públicas e administrações regionais. "Temos que analisar caso a caso, para verificarmos que órgão vai atuar", explica Shirley.

Em se tratando de pessoas ou família possuidora de lote, a remoção não pode

ser compulsória, porque se constituiria em uma violação do direito constitucional de ir e vir. "É uma opção dormir na rua", resume a diretora do CDS. Para Shirley, as olarias comunitárias são uma perspectiva de melhoria da qualidade de vida nos assentamentos, pois provocam a profissionalização. Dos envolvidos no mutirão ela espera que o convênio firmado, recentemente, entre a Fundação Maria do Barro e a Shis amplie o programa das olarias.

Deficientes que exploram a própria condição para pedir esmola nos semáforos já foram constatados pela Brasília Teimosa. Muitos deles, segundo Shirley, têm família e recebem a aposentadoria por invalidez. Há os casos, ainda, dos mendigos crônicos, que permanecem por um período muito curto, oito dias, nos albergues. Dificuldades de relacionamento em família motivam muitas pessoas a abandonar suas casas e viver perambulando pelas ruas.



As invasões no Plano Piloto têm aumentado nos últimos dias, apesar da ação do CDS



Alguns focos de invasões, como o cemitério, chamam a atenção pelo número de famílias existentes



Esta família de invasores, na 302 Sul, passa a semana no local, retornando para Brasília no sábado